

A gestão e o planejamento institucional nos currículos universitários de Museologia: estudo preliminar

Manuelina Maria Duarte Cândido[™]

RESUMO

O artigo apresenta uma breve discussão sobre gestão museológica e planejamento, fazendo uma análise preliminar de como a questão é tratada nos currículos universitários de Museologia no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *Gestão museológica; planejamento; diagnóstico museológico; currículos ; Museologia*

ABSTRACT

The article presents a brief discussion on Museum management and planning, making a preliminary analysis of how the issue is addressed in university curricula of Museology in Brazil.

KEY-WORDS: *Museum management, planning, diagnosis museum; curricula; Museology*

AGRADECIMENTOS

Este artigo deve muito a todos os professores que colaboraram enviando o material consultado sobre os currículos de graduação de suas respectivas universidades, pelo qual agradecemos imensamente a todos. As ideias aqui expressas, entretanto, são responsabilidade somente desta autora.

[™]Licenciada em História pela UECE, especialista em Museologia, mestre em Arqueologia, doutora em Museologia. Profa. de Museologia FCS/UFG.

A questão da gestão e do planejamento das instituições museológicas é crucial no mundo contemporâneo. Estamos vivendo um momento em que a explosão numérica de museus e processos de musealização chama à responsabilidade pelo futuro das iniciativas tomadas hoje e exige racionalização. Vamos tomar parte do depoimento de André Desvallées sobre Georges Henri Rivière no livro *La Museologie* para mostrar que em seu pensamento esta racionalidade já estava presente, ainda que hoje se realizem práticas que caminham ao largo dela:

Georges Henri Rivière foi convencido de que um museu não é um *bric-à-brac* (depósito de coisas velhas), mas um lugar onde se expõe tudo, tanto ideias quanto coisas, e que vale mais deixar o lixo na reserva que mostrá-lo incongruente – a não ser se o quiser como tal, insólito! É por conseguinte mais fácil ter êxito um museu partindo de nada ou programando as suas aquisições, do que tentando utilizar coleções díspares reunidas por gerações. Este partido ia à contra-corrente do pensamento habitual da profissão. Mas, sobretudo, ele impunha às ciências humanas uma nova concepção do museu: o museu-laboratório. Para as ciências exatas, com efeito, esta concepção era antiga. O museu-programa, oposto ao museu-coleção por um lado; do

outro, o museu-discurso oposto ao objeto, no exposição. O que conduz à segunda missão do museu: a educação. (DESVALLÉES, 1989, p.350*)

Esta idéia do museu-laboratório já foi discutida e não iremos retomá-la aqui, centrando este artigo na necessidade da Museologia centrar esforços na gestão e no planejamento, por um lado trazendo para suas discussões com mais ênfase estas questões, por outro assumindo que não pode relegar a gestão dos museus a administradores alheios ao campo da Museologia. É necessária uma combinação de conhecimentos administrativos e museológicos para que a gestão de museus atenda às especificidades destas instituições. Também é imprescindível propor para os museus uma gestão baseada em indicadores que devem diferir dos critérios quantitativos em geral utilizados para avaliar e planejar a administração de outras naturezas de empreendimentos.

É possível identificar que os profissionais e os professores da área museológica sonham com o respeito às normas técnicas e às posturas metodológicas, com o trabalho interdisciplinar e, mais ainda, esperam que esta seja a Museologia vivenciada e aplicada pelos museus e, sobretudo, divulgada pela grande imprensa. Mas, este mesmo grupo está sempre atento às outras formas de manifestações museológicas, que via de regra são imediatistas, padronizadas pelas imposições do mercado ou pelos modismos mediados pela comunicação de massa, chegando muitas vezes a comprometer a preservação patrimonial e a acessibilidade aos bens culturais” (BRUNO, 2006, p.04).

Igrado os anseios do campo acima mencionados, instituições museológicas são por vezes criadas com propósitos vagos (quando não apenas midiáticos) sem maiores discussões sobre compromisso social, planejamento e manutenção. A falta de compromisso ético que poderia por si só orientar esses museus no mínimo a se manterem em dia com a produção de conhecimento na área da Museologia

*Tradução do original em francês fornecida pela autora (N.E.)

logia e outras afins, e procurarem aplicar estes saberes à sua prática, correspondeu a necessidade de regulação de critérios mínimos para as instituições se identificarem como museus.

O Brasil tem cerca de três mil museus, dos quais 387 instituições possuíam Plano Museológico quando o IBRAM apresentou o levantamento, em novembro de 2009¹. Isto é, apenas 14,25% dos museus brasileiros possuíam plano museológico, que seria um documento básico para sua existência. O que esperar do cumprimento dos demais itens do Estatuto dos Museus? E como esta proporção irá se alterar (esperamos que positivamente) com o grande incentivo à criação de novos museus que vem acontecendo em várias instâncias?

Na Portaria Normativa nº 1, de 5 de julho de 2006, o IPHAN dispõe sobre a elaboração dos planos museológicos de seus museus, hoje pertencentes ao IBRAM, associando-o à “necessidade de organização da gestão dos museus” e ao “estabelecimento de maior racionalidade e eficiência do fazer museal”. O plano museológico, “global e integrador” estaria voltado para a “identificação da missão da instituição museal e para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento”, e se basearia no “diagnóstico completo da instituição” – que estamos chamando de diagnóstico museológico –, considerando pontos fortes e frágeis, ameaças e oportunidades – referência clara à análise

SWOT², bastante conhecida no campo museológico –, além dos “aspectos socioculturais, políticos, técnicos, administrativos e econômicos pertinentes à atuação do museu”. Observamos que o Estatuto de Museus sugere a realização do diagnóstico museológico, mas não o define, não dá maiores detalhes sobre a metodologia para sua realização, a não ser a indicação para que ele seja participativo e que deva “ser apresentado de forma clara e precisa, contando na sua elaboração com a atuação direta da equipe do museu, além de colaboradores externos.”

Nilson Moraes (MORAES, 2009, p.66) refere-se ao fato de que “Alguns críticos apontam que, em parte, o Estatuto apresenta uma nova tradução do DEMU** para antigas práticas comuns aos profissionais dos museus.” Somos de outra opinião: poucos museus desenvolviam em suas práticas o que é pleiteado pelo Estatuto. Estas práticas eram comuns em alguns centros, mas não no conjunto dos museus brasileiros e isso se dava, em nosso juízo, por alguns descompassos entre os museus e o conhecimento da Museologia. Nossas experiências pelo interior do país, seja no Nordeste, Sudeste ou Centro-Oeste, mostraram um desconhecimento, por parte de muitos trabalhadores de museus, de documentos básicos que já indicavam preceitos próximos aos indicados no Estatuto, como o Código de Ética do ICOM.

Há uma concentração de informação museológica em alguns centros, notadamente nas capitais. Portanto, apesar

¹ Para maiores detalhes, cf. BRASIL, Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Disponível em: <http://www1.museus.gov.br/IBRAM/doc/jomada_brasil_espanha/30_novembro/rose_iranda_30nov_tarde/Jornada_Brasil_Espanha2.pdf>. Acesso em 11 de março de 2010.

² Ferramenta de gestão e planejamento estratégico que avalia segundo quatro critérios: Forças (*Strengths*), Fraquezas (*Weaknesses*), Oportunidades (*Opportunities*) e Ameaças (*Threats*). Para maiores informações, cf. BrEMC. Aba “Portfólio”. Disponível em: <<http://www.engman.com.br/art04.html>>. Acesso em 28 de maio de 2010.

** Refere-se ao Departamento de Museus e Centros Culturais, até 2009 órgão inserido na estrutura de apoio da Presidência do IPHAN, extinto em 2009, em função da promulgação da Lei nº 11906 de 20 de janeiro de 2009, que criou o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). O DEMU foi a base para a criação desse órgão federal, que se tornou sucessor das atividades de implementação e gestão do Patrimônio Cultural de natureza museológica, no Brasil. (N.E.)

³ Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sbm/programanacional_ementas.htm>. Acesso em 16 de outubro de 2010.

⁴ A preocupação com metodologias para a realização de diagnósticos museológicos está presente em nossos trabalhos há bastante tempo, em virtude de experiências/reflexões que relacionam fortemente o planejamento institucional a este olhar sobre o estado atual da instituição/processo de musealização e sobre a trajetória anterior

de relativizar um aspecto muito inovador no Estatuto (em termos de critérios, não de regulação), reconhecemos que a pressão legal fará uma boa parte dos museus brasileiros se mobilizarem para o contato com a produção da área da Museologia de uma maneira jamais vista, ainda que preferíssemos que isto acontecesse por um movimento de disseminação do saber, mais que pela coação.

Passados quase dois anos do Estatuto e a meio caminho do esgotamento dos prazos para que todos os museus se adequem à normativa, quantos museus de fato já o fizeram? Em pesquisa realizada até novembro de 2010, junto aos museus de Goiás, dos 22 museus goianos que responderam ao nosso questionário apenas sete já elaboraram seu plano museológico. Menos da metade, nove museus, responderam que se sentem aptos para a elaboração do diagnóstico e do plano museológico de maneira autônoma. Como está sendo a preparação dos trabalhadores e futuros profissionais de museus para responder a estas demandas?

O Programa Nacional de Formação e Capacitação de Recursos Humanos do IBRAM oferece 13 diferentes oficinas, entre elas uma sobre Plano Museológico: implantação, gestão e organização de museus³. São oficinas bem curtas, em geral com 24 horas/aula. Observamos que nem a oficina de Plano Museológico contempla em sua ementa o diagnóstico museológico.

Resolvemos analisar os currículos de cursos de

Museologia para tentar perceber a presença neles de conteúdos sobre gestão e planejamento institucional e, mais especificamente, sobre metodologias para a realização do diagnóstico museológico, mencionado no estatuto dos Museus como parte do processo de elaboração do Plano Museológico⁴.

A presença de disciplinas específicas de Gestão de Museus não é o único indício de preocupação com o tema, pois trabalhamos com uma concepção mais alargada de que o domínio da teoria e das metodologias da Museologia são também fatores imprescindíveis para a boa gestão de museus. A presença destas disciplinas apenas evidencia melhor uma inquietação sobre os desafios da gestão institucional exatamente onde há uma lacuna imensa, que é a associação da reflexão sobre museus e Museologia a um pensamento sobre gestão estrito senso, que pode potencializar, na prática, a qualidade da gestão em museus.

O ICOM oferece diretrizes para a formação profissional que abrangem cinco grandes áreas de competências e nelas a gestão tem um papel especial, como podemos ver na figura abaixo. As competências sugeridas distribuem-se em “Gerais”, “Museológicas”, “Informação, gestão e preservação do acervo”, “Programação pública” e “Gestão”. Ou seja, a gestão de museus tem espaço próprio na parte da proposta destinada às “competências funcionais identificadas como as necessárias para executar atividades fundamentais específicas nos museus.”

que originou suas diversas características (tanto positivas quanto negativas). O aprofundamento destas inquietações gerou são trabalho de doutoramento em Museologia, ora em construção, intitulado provisoriamente "Gestão de museus e o desafio do método na diversidade: diagnóstico museológico e planejamento".

*** Informação da autora. Disponível em: <<http://museumstudies.si.edu/ICOM-ICTOP/index.htm>> Acesso em 19 de setembro de 2010 (N.E.)

⁵ No original:
III. *Management Competencies: Knowledge of and skills in the theory and practice of museum operations: Accreditation; Advisory bodies; Architecture; Business and operational management; Community relations; Financial planning and management; Formal structure; Fund raising and grant development (income-generation); Human resource planning and management; Income producing activities; Information management; Insurance /*

(BOYLAN, 2004, p.170).

Neste modelo (FIG. 1), as competências ligadas à gestão de museus⁵ são consideradas de uma maneira bem ampla, inclusive tidas como componentes teóricas e práticas. Envolve: "Capacitação", "Corpo de consultores", "Arquitetura", "Gestão de negócios e operações comerciais", "Relações com a comunidade", "Planejamento e gestão financeira", "Estrutura formal", "Patrocínios e subvenções" (geração de recursos financeiros), "Planejamento e gestão de recursos humanos", "Atividades geradoras de renda", "Gestão da informação"; "Seguro e indenizações", "Legislação", "Marketing", "Associações de Amigos e afins", "Instalações e gestão do espaço", "Negócios", "Relações públicas e com a imprensa" e "Teoria das organizações".

Também Peter van Mensch, ao falar do modelo de formação proposto pela Reinhardt Academy cita a inclusão da gestão de museus em uma proposta alternativa à formação fundamentada nas áreas básicas dos museus:

O currículo foi concebido como alternativa para programas de treinamento curatorial baseados em matérias acadêmicas. O objetivo que o orientou é preparar os estudantes para carreiras nas áreas de documentação, conservação, design de exposições, educação e gestão de museus. Desde o início ficou claro que deveria ser baseado em um quadro teórico, tal como previsto pela museologia, ao invés de basear-se em qualquer disciplina específica⁶ (MENSCH, 2004, p.04).

Pensando na relevância da preparação dos profissionais de museus para a gestão, ao trabalharmos na elaboração do projeto pedagógico do curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), não apenas sugerimos duas disciplinas de gestão de museus (em seguida reduzidas a apenas uma, em um movimento de resposta à demanda por diminuição de carga horária do curso) e uma de diagnósticos museológicos associados a visitas de estudos a museus (que inicialmente seria obrigatória mas para a mesma redução da carga horária ficou elencada entre as optativas), como também uma ligada à arquitetura, uma à legislação e uma de avaliação e



Fig. 1: ICOM Curricula Guidelines for Museum Professional Development - Career Tree.***

indemnity; Law; Marketing; Membership / "friends" organizations; Physical plant and site management; Public affairs; Media Relations; Organizational theory.

⁶ *The curriculum was conceived as alternative to the academic subject matter based, curatorial training programs. The curriculum was designed to prepare students for careers in conservation, documentation, exhibition design, education and museum management. From the beginning it was clear that the curriculum should be based on a theoretical framework as provided by museology, rather than be based on one particular subject matter discipline.*

⁷ Análise abrangendo os cursos existentes em 2010. Houve um curso de Museologia na Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro nas décadas de 1980 e 1990, mas não obtivemos maiores detalhes e, além disto, o curso não está mais em funcionamento

estudos de público (LIMA, SOUZA, LAZARIN, DUARTE CÂNDIDO, 2009).

Para compreender mesmo que rapidamente o lugar da gestão e do planejamento em outros programas de formação, procedemos a uma breve análise dos currículos de graduação em Museologia existentes no Brasil⁷:

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (1932)

Universidade Federal da Bahia - UFBA (1969)

Centro Universitário Barriga Verde - UNIBAVE (2004)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB (2006)

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL (2006)

Universidade Federal de Sergipe - UFS (2007)

Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP (2007)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2008)

Universidade federal do Pará - UFPA (2009)

Universidade Federal do Pernambuco- UFPE (2009)

Universidade de Brasília - UNB (2009)

Universidade Federal de Goiás - UFG (2010)

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2010)

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2010)

O que pudemos inferir a partir do estudo dos dados disponíveis é que a presença de disciplinas de gestão e planejamento nos currículos de Museologia ainda é bastante irregular, embora crescente. Há até mesmo dois cursos onde a temática

não aparece nem em disciplinas obrigatórias nem nas optativas. Não foi possível saber ao certo o número de disciplinas optativas que o aluno escolherá ao final de cada curso, sendo mais exato pensar a relevância dada à questão a partir da presença da temática nas disciplinas obrigatórias que em uma lista enorme de optativas das quais se sabe que o aluno em geral escolherá algumas poucas, como é o caso da UFMG. Há situações, como é o caso da UFG, em que o aluno irá também cursar três disciplinas chamadas Núcleo Livre, que ele poderá realizar em qualquer outro curso da Universidade, portanto, ele pode ter um acréscimo de horas em gestão a partir de escolhas tão subjetivas e individuais que não contemplamos no quadro analítico. Também por não termos os dados de carga horária total de cada curso não chegamos a fazer uma verificação da porcentagem de gestão dentro do número total de horas, que seria interessante para verificar, por exemplo, situações como a da UNIRIO, que têm um curso de período integral, portanto, com carga horária nitidamente superior à média⁸.

Em alguns casos, não obtivemos informação precisa e atualizada sobre a carga horária de cada disciplina. Quando das lacunas em nossas fontes, indicamos e trabalhamos com um número hipotético de 60h/aula. Considerando apenas as disciplinas obrigatórias, temos uma média de 60h/aula por curso para gestão e avaliação de museus, com dois cursos que não contemplam a questão, e apenas a UNIBAVE e a UFMG destinam 120 horas ou mais a estas disciplinas, ainda que em linhas mais gerais como Administração Cultural e Gestão de Unidades de Informação.

Destacamos que 120h/aula em uma média de 2.400 representa apenas 5% da carga horária total de um curso de Museologia destinado a gestão, planejamento e avaliação institucional.

Alguns dados que ajudam a compreender o quadro apresentado no anexo: a carga horária obrigatória sobre gestão, planejamento e avaliação de museus e sobre diagnósticos museológicos foi somada a partir de disciplinas que mais diretamente tocavam em aspectos da gestão, ainda que muitas vezes não dissesse respeito exatamente à gestão de museus. Mas foi excluída nessa coluna a avaliação como estudos de público. Em geral,

as disciplinas de estudos de público não aparecem nas optativas, quando não estão entre as obrigatórias, até porque, imaginamos, não fazem parte da oferta de outros cursos da mesma universidade⁹.

A tabela anexa é praticamente auto-explicativa, não vamos nos deter muito em sua análise visto que não conseguimos acessar as ementas das disciplinas, mas vale como quadro comparativo em termos de presenças/ausências e carga horária destinada à questão da gestão dos museus e da avaliação, compreendida aqui como etapa do planejam-

to. De uma maneira geral percebemos a necessidade de ampliação da carga horária dedicada a estas temáticas. O Ministério da Educação recomenda uma carga horária mínima de 2.400h para os bacharelados em Museologia. A maior parte das universidades organizou seus cursos de Museologia com algo em torno disto. Desta forma, verificamos que em grande parte dos cursos são dedicados apenas cerca de 5% do tempo total do curso a gestão/avaliação/planejamento museológicos. Precisamos enfrentar esta realidade com mais afinco.

⁸ Segundo informações do prof. Ivan Sá, mesmo com a criação do curso noturno na UNIRIO, a carga horária dos dois está praticamente unificada, com este contando dez períodos, ao invés dos oito em período integral, da primeira modalidade. A redução para o noturno teria sido de poucas disciplinas, apenas três ou quatro, segundo ele. A carga horária na UNIRIO é 2940 h/aula.

⁹ A não ser no caso da UNB onde uma disciplina elencada como Estudos de Usuários entre as obrigatórias, parece, pelo perfil do curso, ser partilhada de outros bacharelados, na linha de Ciências da Informação.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; CALDEIRA, Paulo da Terra; NASSIF, Mônica Érichsen. (2010, Jan. / Abr.). O curso de graduação em Museologia da ECI/UFMG: concepção e projeto pedagógico. In: *Perspectivas em Ciência da Informação* (v. 15, n. 1. 282-307). Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v15n1/16.pdf>>. Acessado em 12 de novembro de 2010.

BRUNO, Maria Cristina O. (2006) *Museologia e museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados*. In: XIII Encontro Nacional Museologia e Autarquias, a Qualidade em Museus. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. (Cadernos de Sociomuseologia, 25)

BRASIL, Instituto Brasileiro de Museus [IBRAM]. A experiência das oficinas de plano museológico no Brasil. Disponível em: <http://www1.museus.gov.br/IBRAM/doc/jornada_brasil_espanha/30_novembro/rose_miranda_30nov_tarde/Jornada_Brasil_Espanha2.pdf>. Acesso em 11 de março de 2010.

DESVALLES, A (1989). *La Muséologie selon Georges Henri Rivière : Cours de muséologie / Textes et témoignages*. Paris: Dunod, 1989.

LIMA, Nei Clara de; SOUZA, Maria Luiza Rodrigues; LAZARIN, Marco Antonio; CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. (2009). Um curso de Museologia para Goiás: Bacharelado em Museologia da UFG. In.: *Anais do I Congresso Internacional de Museologia: sociedade e desenvolvimento*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009.

LORD, Barry & LORD, Gail Dexter. (2008). *Manual de gestión de museos*. Barcelona: Ariel, 2009.

MORAES, Nilson Alves de. (2009). *Políticas públicas, políticas culturais*

e museu no Brasil. In: *Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio* (v. II no 1 jan-jun. 2009, 54-69). Rio de Janeiro: PPG-PMUS Unirio/MAST. Disponível em <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.54.br/index.php/ppgpmus>>. Acesso em 16 de outubro de 2010.

Museums & Galleries Commission [MGC] (2004). *Museologia. Relatórios Técnicos, 6. Planos para a certificação de museus na Grã-Bretanha: padrões, da Austrália a Zanzibar: Planos de certificação de museus em diversos países*. São Paulo: EDUSP; Vitae. <http://www.usp.br/cpc/v1/php/wf04_downloads.php>. Acesso em 02 de abril de 2010.

BRASIL, Sistema Brasileiro de Museus [SBM]. (s.d.). Programa Nacional de Formação e Capacitação de Recursos Humanos. Programa das Oficinas. Acedido em 16 de outubro de 2010 em http://www.museus.gov.br/sbm/programanacional_ementas.html

BRASIL, Universidade de Brasília [UNB]. (2010) Faculdade de Ciência da Informação. Disponível em: <http://www.cid.unb.br/m001/M0011000.asp?txtID_PRINCIPAL=61>. Acesso em 24 de outubro de 2010.

BRASIL, Universidade Federal de Ouro Preto [UFOP]. (2010). Disponível em: <<http://www.ufop.br/downloads/museologia.pdf>>. Acesso em 24 de outubro de 2010

BRASIL, Universidade Federal de Pelotas [UFPel]. (2010). Curso de Museologia – ICH - UFPel. Grade curricular. Disponível em: <UFPel <http://museologiaufpel.wordpress.com/cursogradecurricular/>>. Acesso em 24 de outubro de 2010.

BRASIL, Universidade Federal de Santa Catarina. [UFSC]. (2009). Projeto Pedagógico Criação do Curso de Graduação Bacharelado em Museologia. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFSC. Disponível em: <<http://museologia.ufsc.br/files/2010/10/Projeto-Curso-Museologia-2009.pdf>>. Acesso em 24 de outubro de 2010.

BRASIL, Universidade Federal de Sergipe [UFS]. Departamento de Administração Acadêmica, [DAA] (2010). Grade Curricular, Museologia – Bacharelado. Disponível em: <<http://www.daa.ufs.br/daaantigo/gradecurricular/fimgradecurr.asp?curso=650&nome=MUSEOLOGIA%20BACHARELADO&curric=1>>. Acesso em 24 de outubro de 2010.

BRASIL, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia [UFRB]. (2010). Disponível em <<http://www.ufrb.edu.br/cahl/index.php/cursos/museologia>>. Acesso em 24 de outubro de 2010.

BRASIL, Universidade Federal do Rio Grande do Sul [UFRGS]. (2010). Disponível em: <<http://www1.ufrgs.br/graduacao/xInformacoesAcademicas/p?CodCurso=731&CodHabilitacao=145&CodCurriculo=1&sem=2010022>>. Acesso em 24 de outubro de 2010.

Documentos consultados

BRASIL, Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG]. (s/d) Comunicação eletrônica. Novembro de 2010. Origem: PIRES, Alessandra de Andrade (prof.). Escola de Ciência da Informação, UFMG.

BRASIL, Universidade Federal do Pará [UFPA]. Política Pedagógica do Curso de Graduação em Museologia (2008?). Comunicação eletrônica. Novembro de 2010. Origem: COSTA, Tadeu (prof.) Instituto de Comunicação e Artes, UFPA.

BRASIL. Distribuição de disciplinas por período. (s/d) Comunicação eletrônica. Novembro de 2010. Origem: RIBEIRO, Emanuela Sousa (prof.?)

Anexo

Tabela de distribuição de carga horária das disciplinas ligadas a gestão de museus

Curso de graduação	Carga horária obrigatória sobre gestão / avaliação de museus e diagnósticos museológicos	Carga horária optativa sobre gestão / avaliação de museus e sobre diagnósticos museológicos	Total de carga horária sobre gestão / avaliação de museus e diagnósticos museológicos	Carga horária obrigatória em avaliação ou estudos de público
UNIRIO	- Gestão de Museus e Administração de Coleções (45h/aula)	- Administração I (60h/aula) - Administração II (60h/aula) ¹	165h/aula ²	---
UFBA	- Gestão Museológica ³	---	68h/aula ⁴	---
UNIBAVE	- Administração Cultural I - Administração Cultural II ⁵	---	120h/aula ⁶	---
UFRB	- Gestão Museológica (68h/aula) ⁷	---	68h/aula	68h/aula
UFPEL	- Gestão de Museus (68h/aula) ⁸	---	68h/aula ⁸	---
UFS	---	---	---	---
UFOP	- Organização de Museus (36h/aula) - Organização e Administração I (36h/aula) - Gestão e Administração de Museus (36h/aula) ¹⁰	---	108 h/aula	72h/aula
UFRGS	- Gestão em Museus (60h/aula) ¹¹	---	60h/aula	---
UFPA	- Administração de museus (51h/aula) ¹²	---	51h/aula	---
UFPE	- Gestão e planejamento de museus e instituições culturais (60h/aula) ¹³	- Avaliação físico-estrutural em museus (60h/aula)	120h/aula	---
UNB	- Gestão de Museus e Políticas de Acervos Museológicos ¹⁴	---	60h/aula ¹⁵	60h/aula ¹⁶
UFG	- Gestão e Avaliação de Museus (64h/aula) ¹⁷	- Texto e Contexto Museológicos - Visitas Técnicas e Diagnósticos (64h/aula)	128h/aula	64h/aula
UFSC	---	---	---	---
UFMG	- Gestão de Unidades de Informação (60h/aula) - Planejamento em Unidades e Sistemas de Informação (60h/aula) - Teorias da Organização (60h/aula) ^{19,20}	- Administração de Museus e Centros de Ciência I (60h/aula) - Administração de Museus e Centros de Ciência II (60h/aula) - Tópicos em Gestão de Centros e Museus de Ciências (60h/aula) - Tópicos em Gestão de Unidades de Informação (60h/aula)	420h/aula	---

¹⁰São disciplinas gerais e não específicas sobre a gestão de museus, girando em torno de teorias da Administração, aplicação de conhecimentos administrativos empresariais e comportamento humano nas organizações.

¹¹É de notar que o curso da UNIRIO, além de ter carga horária total superior à média, como já comentado, tem um

enorme leque de disciplinas optativas, inclusive muitas dirigidas para tipologias diferenciadas de acervos, por exemplo.

¹²BRASIL, Universidade Federal da Bahia [UFBA]. Programa de Componentes Curriculares do Bacharelado em Museologia da UFBA: Última versão. Comunicação eletrônica. 27 de outubro de 2010. Origem: CUNHA, Marcelo Bernardo da. Departamento de Museologia.

¹³Houve uma melhora em relação ao projeto pedagógico anterior no que diz respeito a esta questão, pois o que havia então era uma disciplina optativa Introdução à Administração, que no material consultado, não aparece com uma carga horária clara. Atribuímos em torno de 60h/aula, mas também não havia como saber, que porcentagem da disciplina era dedicada à gestão de museus, pois não tivemos acesso à ementa, apenas a um material impresso em mãos da Comissão de Implantação do Curso de Museologia da UFG. Disponível em: <http://www.fch.ufba.br/museologia.html>. Acesso em 23 de agosto de 2007. Aparentemente, era uma disciplina de outro curso que pode ser tomada como optativa. BRASIL, Universidade Federal da Bahia [UFBA]. Programa de Componentes Curriculares... Op. cit.

¹⁴Disponível em: http://www.unibave.net/?op=conteudo_art&a=4774. Acesso em 19 de setembro de 2010.

¹⁵No site não fica clara a carga horária das disciplinas, atribuímos 60h/aula como um número possível. Também não está claro, por não estarem disponíveis as ementas, se as disciplinas de Administração Cultural I e II de fato dedicam a carga horária total ou parcialmente à gestão de museus.

¹⁶Disponível em: <http://www.ufrb.edu.br/cahl/index.php/cursos/museologia>. Acedido em 24 de outubro de 2010.

¹⁷Disponível em: <http://museologiaufpel.wordpress.com/cursogradecurricular/>. Acesso em 24 de outubro de 2010.

¹⁸Há uma disciplina Avaliação em Museus de 60h/aula, mas não está divulgada a ementa, não sendo possível saber se é na linha de estudos de público ou de avaliação da instituição. Fonte: <http://www.daa.ufs.br/daaantigo/gradecurricular/fimgradecurr.asp?curso=650&nome=MUSEOLOGIA%20BACHARELADO&curric=1>. Acedido em 24 de outubro de 2010.

¹⁹Disponível em <http://www.ufop.br/downloads/museologia.pdf>. Acesso em 24 de outubro de 2010. Em geral as disciplinas do curso têm 72h/aula, apenas algumas estão distribuídas, como estas, em 36h/aula.

²⁰Fonte: <http://www1.ufrgs.br/graduacao/xInformacoesAcademicas/curriculo.php?CodCurso=731&CodHabilitacao=145&CodCurriculo=1&sem=2010022>. Acedido em 24 de outubro de 2010.

²¹Fonte: Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Museologia UFPA/ICA, 2008, gentilmente cedido pelo prof. Tadeu Costa em novembro de 2010, com a ressalva de que a grade curricular está sendo alterada, mas o projeto oficial até o momento é este.

²²Informações gentilmente cedidas pela professora Emanuela Sousa Ribeiro em novembro de 2010.

²³Disponível em: http://www.cid.unb.br/m001/M0011000.asp?txtID_PRINCIPAL=61. Acesso em 24 de outubro de 2010. Carga horária não disponível.

²⁴No site não fica clara a carga horária da disciplina, atribuímos 60h/aula como um número possível.

²⁵Idem.

²⁶cf. "Projeto Pedagógico do Curso". A carga horária em disciplinas obrigatórias sobre gestão de museus caiu pela metade entre uma versão anterior do PP e a atual, pois duas disciplinas acabaram sendo transformadas em apenas uma juntamente com outras providências para diminuição da carga horária total do curso, demandada pela Universidade.

²⁷Disponível em: <http://museologia.ufsc.br/files/2010/10/Projeto-Curso-Museologia-2009.pdf>. Acesso em 24 de outubro de 2010.

²⁸Para as fontes, cf.: a) ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; CALDEIRA, Paulo da Terra; NASSIF, Mônica Érichsen. O curso de graduação em Museologia da ECI/UFMG... In: Op. cit. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pci/v15n1/16.pdf>. Acesso em 12 de novembro de 2010. b) "Grade curricular". Documento gentilmente cedido pela professora Alessandra de Andrade Pires em novembro de 2010.

²⁹As duas primeiras disciplinas foram consideradas como gestão de museus, pois a linha do curso segue a identificação da Museologia como área das Ciências da Informação. Já a terceira é uma disciplina muito mais geral e não específica sobre a gestão de museus ou instituições afins.